

Concerto
multimídia celebra
Heitor Villa-Lobos



PÁGINA 3

Cia do Sopro traz
dois espetáculos
ao Poeirinha



PÁGINA 6

Milena Dalboni
e o desafio de
roteirizar Clarice



PÁGINA 5

2º CADERNO

'A animação não vou perder nunca'

Diagnosticado com Parkison há 17 anos anos, Eduardo Dussek segue de bem com a vida e se surpreende com a repercussão positiva de sua participação no Altas Horas

Por **André Aram** (Folhapress)

O cantor, ator, compositor e pianista Eduardo Dussek ainda está impressionado com a repercussão de sua participação no Altas Horas (Globo) do apresentador Serginho Groisman no último dia 25. Os internautas rasgaram elogios à vitalidade do artista, que com o auxílio de um andador, cantou, conversou e fez piada com sua condição ("é uma doença muito chique, tem até uma avenida, a Parkinson Avenue"), arrancando risos e aplausos da plateia.

Diagnosticado com Parkinson há 17 anos, apenas em 2015 ele revelou publicamente a doença. Quem viu Dussek brilhando na homenagem ao cantor Ney Matogrosso não imagina a organização que a apresentação exigiu. "Tive um preparo de duas semanas, tomo doses grandes de remédios. Você viu que no programa não tive tremor nenhum?", indaga ao repórter. "Estava cantando, alegre, feliz... Não que fique deprimido, não é isso (risos). Fico cansado mesmo, muita canseira, se eu fizer isso na frequência de uma pessoa normal vai dar chabu."



Acervo pessoal

No programa, Dussek roubou a cena, com uma performance vibrante, que exigiu esforço físico e mental: "Foi um programa muito alegre, após a gravação ficamos todos ali no palco, virou uma festa, todos em um estado mágico", relembra.

A atração é gravada em São Paulo, então Dussek viajou um dia antes, descansou bastante no hotel e no dia seguinte acordou próximo do horário da gravação e seguiu para a

emissora. "Teve toda uma exigência que não são 100 toalhas brancas no camarim, nada disso, depois de remédios, preparação no estúdio, chega ali, explode o meu 'eu' mais relaxado, porque eu já tô preparado, os remédios em cima controlando todos os movimentos me dá uma tranquilidade, pra ter aquele brilho que as pessoas querem ver", revela.

Após o fim da atração, ele voltou para o hotel, e retornou ao Rio na manhã seguinte.

O esforço deu resultado. A repercussão foi muito positiva e ele conta que se emocionou ao rever as imagens.

Apesar dos obstáculos, Dussek não perde o alto astral. "Tenho Parkinson há anos e não falava para as pessoas. Eu dançava, cantava, apresentava, mas chegou uma hora que a doença acordou. Tenho que compreender, mas a animação não vou perder nunca."

Continua na página seguinte

Reprodução TV Globo



Com um andador, Eduardo Dussek emocionou o público no Altas Horas

Um artista de múltiplos talentos



Divulgação



Divulgação

Dussek nos anos 1990 (E); Como ator, o artista teve uma relação turbulenta com o diretor Walter Avancini em 'Xica da Silva'

interpretar um vilão na novela da extinta Rede Manchete, havia outro obstáculo: lidar com o genioso diretor Walter Avancini (1935-2001), conhecido pelo seu tempera-

mento forte com o elenco.

Dussek lembra a experiência: “Ele era uma bomba atômica, a gente gravava na faixa de Gaza, ele era muito inteligente,

me ensinou muita coisa, mas reclamava demais”. Dussek conta que o diretor ofereceu o papel de galã, mas ele recusou por exigir um desempenho muito maior. “Ele disse: ‘Você quer fazer outro personagem?’. Tem uma bicha louca e um vilão’. Fiquei com o papel do vilão que adorei, ele não confiava muito em mim como ator, tinha uma incerteza.”

Em uma ocasião, o diretor pôs Dussek com 100 figurantes com perucas e casacos de veludo sob o sol escaldante de Maricá (no litoral fluminense), onde eram gravadas as cenas externas. Dussek encenou uma coreografia de jazz com os soldados, tirando Avancini do sério.

O artista se recorda da situação. “Ele me chamou na sala dele e disse ‘não aguento mais você’, falei também que não aguentava mais ele, e sugeri adiantarmos as coisas, e ele declarou ‘vou matar seu personagem, e você vai gravar sete opções de morte pra deixar gravado.’” A novela foi um sucesso e o cachê ótimo, segundo ele.

Resumidamente, a doença de Parkinson está associada à perda de células cerebrais (neurônios) produtoras de um neurotransmissor conhecido como dopamina. Esse, por sua vez, é responsável pelo envio de mensagens às partes do cérebro que fazem a coordenação dos movimentos.

Considerada uma doença neurológica crônica e lentamente progressiva, ela evolui com a idade. Dussek relembra os primeiros sintomas, que o fizeram procurar um especialista. “Comecei a ter muitos pesadelos, estava trabalhando demais, estresse, prazos, e minha mão de repente ficava rígida, com dificuldade para escrever, então fiz uma série de exames e veio o resultado.”

As cinco décadas de uma carreira intensa são apontadas pelo artista como uma das possíveis causas da doença. “Só estou fazendo um compromisso por dia por ordens médicas, porque 50 anos nesse corre-corre me deixou nesse estado”, diz aos risos. O diagnóstico fez com que ele mudasse alguns hábitos do passado e desacelerasse o ritmo de trabalho. “A alimentação mudou, larguei bebidas como whisky e vodca, e adotei só vinhos, não abro mão do champanhe, adoro. E evito me aborrecer, tudo passou a ser moderado”, conta.

Ele também aderiu a tratamentos alternativos como tai chi chuan, acupuntura e shiatsu. Sobre a rotina diária, ele explica: “Tenho atividades normais, mas em um plano mais exclusivo, sou uma pessoa especial agora, tem hora que uso a cadeira de rodas, depois ando uns 30 minutos, então o segredo é você estacionar a doença”.

Nascido em Copacabana, filho de mãe húngara e pai tcheco, Eduardo Dussek e seus três irmãos - Vera, Marcelo e André - carregam também um sobrenome famoso: Gabor. A semelhança com a atriz Zsa Zsa Gabor (1917-2016) não é mera coincidência, mas um parentesco distante de origem materna.

Dussek despontou no teatro no início dos anos 1970, como pianista na peça “Desgraças de uma Criança”, com Marieta Severo e Marco Nanini. Mas a música veio muito antes, quando começou a tocar piano ainda criança, inspirado pelo seu pai.

Com o sucesso teatral, ele começou a fazer shows em 1974, chamando atenção de personalidades da música e entrando em estúdio três anos depois para gravar seu primeiro compacto com as canções “Não Tem Perigo” e “Apelo da Raça”, produzido por Nelson Motta. Sem o sucesso esperado, ele deu aulas de canto e de piano e compôs músicas para diversos artistas, como Maria Alcina, Zizi Possi, As Frenéticas e até para o amigo de longa data Ney Matogrosso.

O almejado êxito musical veio em 1980 quando participou do festival MPB-80 com a música “Nostradamus”. A repercussão positiva deu origem ao primeiro LP “Olhar Brasileiro”, e Dussek não parou mais. Ele coleciona vários sucessos ao lado de seu parceiro musical Luíz Carlos Góes, sempre mesclando crítica social com bom humor, uma influência do Teatro Besteirol, em canções como “Doméstica (Brega Chique)”, “Rock da Cachorra” e “A Índia e o Traficante”, que seguem atuais. Entre 1981 e 2011, foram oito álbuns lançados e diversos hits que figuraram em trilhas sonoras de novelas como “Bebê a Bordo”, “A Próxima Vítima” e “As Filhas da Mãe”.

Sérgio Abreu, um dos integrantes do João Penca e seus Miquinhos Amestrados, grupo musical popular nos anos 1980, lembrou o encontro do trio com Dussek em um show no Morro da Urca, na zona sul do Rio. “Ele tinha mais experiência e esbanjava talento, ele bancou de gravar um disco e fazer shows conosco, aprendemos muito com ele.”

Sua versatilidade fez com que ele trocasse a música pela atuação em algumas ocasiões. Como ator, fez cerca de 17 trabalhos em novelas, filmes e minisséries. Em “Xica da Silva” (1996) deu vida ao capitão-Mor Gonçalo. O convite veio em um momento oportuno, após superar uma crise criativa que se arrastou por alguns anos devido ao excesso de trabalho. Além do desafio de

Villa-Lobos, o gênio que musicou o Brasil

Maestro Gil Jardim retoma o projeto multimídia que resgata a obra do genial compositor com o olhar da modernidade

Alexandre Eça/Divulgação



Maestro Gil Jardim, regente da Brasil Villa Ensemble: ‘Senti a necessidade de fazer com que sua música cada vez mais se misturasse à produção da música brasileira viva do dia-a-dia’

Marcelo Macauê/Divulgação



projeto se justifica.

Concebido para oferecer uma escuta renovada da música de Villa-Lobos, o concerto foi desenhado pelo maestro com a parceria

da designer de palco Anna Turra. Uma experiência multimídia, que explora as inúmeras formas de expressar a brasilidade que a obra de nosso maior compositor oferece. Depois da apresentação no Rio, a turnê segue para Brasília (11/6) e Belo Horizonte (13/6), com o patrocínio da CCR, através do Ministério da Cultura.

O subtítulo do espetáculo “Impressões rápidas sobre todo o Brasil” é o subtítulo do “Noneto” de Villa-Lobos, obra executada no concerto que Villa fez na capital francesa em 30 de maio de 1924, em sua primeira viagem à capital francesa e que está presente no CD “Villa-Lobos em Paris”, de 2006, dirigido por Gil Jardim.

O subtítulo marca o espírito com que o espetáculo foi desenvolvido e propicia conexões com o Brasil dos dias de hoje. “A ideia é devolver à terra, à natureza, as sementes colhidas por Villa-Lobos na elaboração de sua produção, realizando conexões com a plural música brasileira produzida a partir de sua criação”, diz Gil Jardim. E acrescenta: “A narrativa do espetáculo acontece num fluxo contínuo de música, luz e imagens experimentando e percebendo lugares do Brasil, dos diferentes sertões ao rio São Francisco, da senzala ao urbano, o indivíduo e o coletivo, revelando teias criativas que se expandem a partir dos estímulos de Villa.”

Nessa edição, a multiartista Juuar se junta ao time na direção cênica. André Magalhães responde pelo projeto sonoro. O grupo instrumental que conta com expoentes da música sinfônica no Brasil recebe o nome de Villa Brasil Ensemble, com 19 músicos. “Esse grupo produzirá um Villa-Lobos mais íntimo, camerístico, com muito versatilidade, uma vez que vários dos integrantes tocarão diversos instrumentos. Para contar histórias do Villa, do Milton (Nascimento), do Dori, do Chico (Buarque), do Pixinguinha...”, diz o maestro, conhecido por fazer conexões preciosas entre a música de concerto e a canção popular brasileira.

Jardim trabalhou na redução do “Uirapurú” e das “Bachianas Brasileiras nº 4” - obras de orquestração densa - para um grupo de 16 músicos, com um instrumento de cada naipe de uma orquestra sinfônica moderna. Dois consagrados percussionistas da música instrumental brasileira, Paulo Santos, fundador do grupo Uakti e Ari Colares ampliam a ambiência sonora do espetáculo.

SERVIÇO

VOOS DE VILLA

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia) | 4/6, às 19h | Ingressos: plateia e balcão nobre - R\$ 120 e R\$ 60 (meia) | balcão: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Belo e necessário para o resgate permanente da obra de um dos nossos maiores gênios musicais, o espetáculo “Voos de Villa – Impressões Rápidas sobre todo o Brasil” chega ao palco do Teatro Riachuelo nesta terça-feira (4) após curtíssima temporada de estreia em São Paulo, abrindo turnê nacional.

“Todos os projetos musicais e artísticos que abordem a vida e obra de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) são extremamente bem-vindos. Para os músicos da nova geração é a maneira de identificarem e estabelecerem contato não só acadêmico, mas étnico e espiritual com conteúdos da melhor música brasileira”, afirma o maestro Gil Jardim, idealizador do projeto iniciado em 2019, interrompido pela pandemia e que retorna agora.

Na versão de 2024, Jardim incorpora canções de compositores da música popular brasileira influenciados por Villa, e que serão interpretadas pela jovem e talentosa Luiza Lacerda. “Senti a necessidade de fazer com que sua música cada vez mais se misturasse à produção da música brasileira viva do dia-a-dia. E fazê-la viva é se relacionar com ela de forma criativa, rompendo com a postura de higiene necrófila com que muitas vezes nos deparamos”, comenta Gil. No repertório, além das peças de Villa, estão canções como “Passaredo” (Chico Buarque e Francis Hime), “Rio Amazonas” (Dori Caymmi e Dori Caymmi / Paulo César Pinheiro), “Canção Desnecessária” (Guinga) e “Rosa” (Pixinguinha), entre outras.

Mesmo com a avalanche de informação que todos recebemos nos dias de hoje, especialmente através das mídias digitais, Jardim defende que a obra de Villa-Lobos, assim como tantas outras preciosidades da música brasileira e mundial, “não chega sozinha às casas de milhões de brasileiros.” Por isso o

Roupa nova para o samba que levou Zeca para o coração do Brasil

Sambista divulga novo single que antecipa o audiovisual gravado no Engenhão: a clássica ‘Camarão Que Dorme a Onda Leva’

Para aquecer ainda o lançamento do audiovisual do projeto “Zeca Pagodinho - 40 Anos – Ao Vivo”, gravado em fevereiro deste ano no Estádio Nilton Santos, o Engenhão, Zeca Pagodinho disponibilizou nas plataformas digitais o single “Camarão Que Dorme a Onda Leva”, parceria sua com Beto Sem Braço e Arlindo Cruz.

Gravado por Beth Carvalho,

em 1983, no disco “Suor no Rosto”, esse samba divertidíssimo foi responsável por lançar Zeca, que até então era apenas conhecido apenas no eixo Rio/São Paulo, em todo país, após a participação do sambista em um clipe da cantora exibido em um programa de projeção nacional.

“A primeira vez que vi Zeca foi chegando no Cacique de Ramos, magrinho, com cavaco dentro de uma sacola de supermerca-



Vera Donato/Divulgação

Zeca Pagodinho durante o show gravado no Engenhão, que celebrou 40 anos de uma vitoriosa e alegre trajetória

do. Quando ele começou a cantar ‘Camarão Que Dorme a Onda Leva’, me conquistou no ato. Falei pra ele: ‘Vou gravar essa música no meu próximo disco e você vai comigo.’ No dia da gravação ele, que nunca tinha entrado em es-

túdio, estava nervoso e eu disse: ‘Zeca, fecha os olhos, finge que você está na roda de samba do Cacique’, e ele se soltou. Quem ganhou foi o Brasil”, disse Beth Carvalho em depoimento.

“Camarão que Dorme a

Onda Leva” representa um marco na trajetória de 40 anos de carreira de Zeca Pagodinho e agora com nova interpretação e sonoridade, celebra a obra do sambista e poderá ser apreciado neste audiovisual.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Clima de lembranças

O cantor e compositor Jova faz um mergulho nostálgico às memórias em “Liceu”, uma faixa melancólica e explosiva. O single antecipa os novos lançamentos do músico para 2024 e tem participação especial de Lyaa, parceira musical rotineira nos últimos lançamentos do artista. “A música é uma lembrança de amigos e de um lugar que não existe mais. O Liceu, onde estudei, fechou suas portas, e muitos dos amigos já se foram. Às vezes, fecho os olhos e me vejo de volta àqueles dias. É como se tudo estivesse ali de novo”, conta.

Divulgação



Reprodução YouTube



Techno com ijexá

O produtor e DJ Ed Lopes se inspirou no universo do underground de Berlim para o clipe de “Indie Boy”. O single traz ainda inspirações brasileiras, com mood das melodias inspirado no tradicional ijexá. A faixa ganhou um clipe focado em dança e moda para a turma do indie. “Um dos objetivos para 2024 é criar algo novo, diferente de tudo que vem saindo, e essa faixa é um primeiro resultado desse processo. ‘Indie Boy’ é meu primeiro lançamento com uma pegada mais voltada pro Indie Dance, diferente do Melodic House & Techno, o estilo que costumo focar”, conta.

Diego Xinxila/Divulgação



Olhar nas origens

A banda Pense trabalha na finalização de seu quarto álbum de inéditas, intitulado “Tudo Que Temos De Lembrar”. Após lançar os singles “As Cores São Bem Diferentes” e “Sala de Controle”, o quinteto disponibiliza a faixa “De Onde Viemos”, que aponta um Pense pronto para viver um novo capítulo. “A canção nasceu com a ideia central que, mesmo diante de obstáculos que pareciam insuperáveis, continuamos buscando ir além, sem permitir que nada nos impeça”, avisam os integrantes do grupo de hardcore mineiro criada em Belo Horizonte em 2007.

ENTREVISTA / MELINA DALBONI, ROTEIRISTA E JORNALISTA

'Há muitos modos de roteirizar Clarice'

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

Tudo num processo criativo caudaloso como o do longa-metragem "A Paixão Segundo G.H." - aplaudido com furor no Festival de Roterdã e premiado no Bafici, em Buenos Aires - passa pelo texto, no caso a prosa de Clarice Lispector (1920-1977). Quem aplicou conceitos técnicos da arte de roteirizar naquele corpo indomável foi Melina Dalboni, amadurecendo a parceria criativa longa que vem estabelecendo com o realizador Luiz Fernando Carvalho em diferentes frentes do audiovisual. Chegou a escrever um livro sobre esse processo, chamado "Diário de um Filme" (Rocco), que aborda sua entrada no universo lispectoriano e sua troca com a atriz Maria Fernanda Cândido.

Nesta quarta-feira (5), ela, o cineasta e a estrela vão estar no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), às 15h30, para participar do Clube da Leitura, numa conversa mediada pela crítica literária, professora e especialista em Clarice Nádia Batella Gotlib.

Na entrevista a seguir, Melina explica como é troca com um dos diretores mais ousados da América Latina, imortalizado por "Lavoura Arcaica" (2001), e esmiúça o caminho para escrever cinema.

Como é sintetizar G.H. numa escrita de roteiro? Como roteirizar Clarice?

Melina Dalboni: Há muitos modos de roteirizar Clarice, mas no caso desse filme e da proposta artística do Luiz Fernando, o desafio era ainda mais complexo, pois deveríamos trabalhar com a imanência, um conceito do próprio romance, de ficar naquilo que é, sem mudar ou criar uma só palavra. É uma

proposta de encontrar a síntese do romance e buscar imagens e significados nas entrelinhas. A estrutura narrativa do filme parte do que chamamos de três vozes de G.H. - a narradora, a que vive a ação no quarto de empregada e a das memórias anteriores - para criar um diálogo entre estas três mulheres (personagens) que existem em uma só mulher (G.H.). Essa estrutura narrativa influenciou muitas

“A partir de 2017, meu desejo de mergulhar ainda mais radicalmente na criação se acentuou, e a escrita e o roteiro foram caminhos naturais”

Melina Dalboni

outras decisões artísticas, como os ambientes que estas "personagens" ocupam, os figurinos que estas "personagens" vestem, o corpo e os estados destas "personagens" e o próprio desenho de som.

Como funciona o processo de troca com Luiz Fernando Carvalho na escrita do filme e, depois, no convívio do set? De que maneira foi o seu trabalho com a atriz Maria Fernanda Cândido, se é que teve

contato direto com ela?

Minha parceria com o Luiz Fernando se deu durante todo o processo do filme, desde os estudos, passando pelo set até a montagem, onde criamos o roteiro final, o qual prefiro chamar de texto final. Como o processo proposto pelo Luiz Fernando é colaborativo, em que todos atuam em várias áreas, meu trabalho com a Maria Fernanda também foi muito próximo e intenso a partir do momento que ela chegou ao Rio de Janeiro para as filmagens. Nós duas estudávamos o texto e as falas dela. No set, permaneci ao lado dela e do Luiz Fernando tanto na supervisão do texto, para que fosse respeitada cada palavra, e nas indicações das cenas e estados.

Como começou e como se desenvolveu sua parceria com Luiz Fernando Carvalho e como você avalia o olhar dele sobre o audiovisual?

Vejo minha parceria com o Luiz Fernando como um encontro artístico que me encoraja e desafia como criadora - não só a mim, mas a todos seus colaboradores, e isso inclui os atores, que, em seus projetos, se tornam coautores. Nós trabalhamos juntos há 12 anos, o que nos deu, em "G.H.", a confiança e uma compreensão do processo criativo e coletivo que ele propõe. Nós nos conhecemos em 2012, quando eu o convidei para criar narrativas fotográficas para o jornal onde eu trabalhava em projetos que chamo de jornalismo criativo. São projetos em que a notícia era a própria produção e através da qual transformávamos as páginas do jornal em plataforma artística. Depois, fizemos juntos alguns livros de outros projetos dele. Em seguida, trabalhei no acervo dos processos criativos do diretor para criar seu site oficial (www.luizfernandocarvalho.com) e essa visão global foi uma escola sobre o audiovisual que ele propõe, um projeto de país: autoral, plural, transversal no diálogo entre diferentes linguagens artísticas, rebelde em relação às regras do mercado e da produção audiovisual, com a missão de formação e educação. A partir de 2017, meu desejo de mergulhar ainda mais radicalmente na criação se acentuou, e a escrita e o roteiro foram caminhos naturais.

Que novos roteiros você tem pela frente?

Estou rodando um documentário sobre um grupo de presos políticos que fizeram 32 dias de greve de fome em prol da anistia, em que assino roteiro e direção com a Raquel Couto. Trabalho ainda no projeto de duas outras séries, uma documental e outra de ficção.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Adele reage à provocação de homem na plateia

Adele rebate comentário homofóbico durante show

A cantora Adele rebateu um comentário homofóbico realizado durante um show seu que acontecia na cidade de Las Vegas, nos Estados Unidos, na noite do último sábado (1º).

A cantora, que estava no meio de uma apresentação do especial “Weekends With Adele”, que acontece em um famoso teatro do local, deci-

diu defender a comunidade LGBTQIA+ após uma pessoa dizer que o “orgulho é uma droga”.

“Você é estúpido? Não seja tão ridículo. Se você não tem nada de bom para dizer, cale a boca, certo?”, esbravejou a dona do hit “Someone Like You” no vídeo, sendo aclamada e aplaudida pelo público.

Na TV não!

Djavan vetou a Globo de transmitir ao vivo no último domingo (2) o seu show no Tim Music, festival de música gratuito na praia de Copacabana. O cantor não costuma liberar suas apresentações para exibição na TV. O show seria exibido no Multishow.

Santo de casa...

O remake de “Renascer” não está empolgando na audiência na Bahia, onde a trama escrita por Bruno Luperi se passa. A atração chegou, por duas vezes, a ser a novela inédita menos vista da Globo, algo incomum para uma trama de horário nobre.

Frustrado

Russell Crowe desistiu de se apresentar com sua banda no Brasil após várias mudanças de data por parte da organização do evento. Em suas redes sociais, o ator e músico neozelândês de 60 anos classificou a situação como “frustrante”.

Lançamento

A jornalista e escritora Priscilla Litwak lança nesta terça “A Lição da Chuva Generosa”, livro infantil gratuito inspirado nas enchentes do Rio Grande do Sul. A publicação ficará disponível gratuitamente nas redes sociais da autora (@priscillalitwak).

Águeda Amaral/Divulgação



Rui Ricardo Diaz assina a adaptação do texto e encena ‘A Hora e a Vez’, baseado em conto de Guimarães Rosa

Yukio Yamashita/Divulgação



Fani Feldman em ‘Como Todos os Atos Humanos’, que trata de feminino como refém do patriarcado através dos tempos

Ocupação paulistana no palco do Poeirinha

Cia do Sopro encena até o fim de julho os espetáculos ‘A Hora e a Vez’ e ‘Como Todos os Atos Humanos’

A convite do Teatro Poeira, companhia paulistana Cia. do Sopro volta ao Rio para ocupar o Teatro Poeirinha com dois espetáculos-solo que fizeram carreiras de sucesso em São Paulo, criados a partir de obras de Guimarães Rosa (1908-1967), Marina Colasanti, Nelson Coelho (1928-2014) e Giorgio Manganelli (1922-1990): “A Hora e a Vez” e “Como Todos os Atos Humanos”.

Criada a partir do antológico conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa (1908-1967), ‘A Hora e a Vez’ tem

direção de Antonio Januzelli e adaptação e atuação de Rui Ricardo Diaz (um dos protagonistas da série “Impuros”, de Star+/Disney; atuou na segunda temporada da série “Segunda Chamada”, da TV Globo; interpretou o presidente Lula no filme “Lula, o Filho do Brasil”, de Fabio Barreto, pelo qual foi indicado pela ACIE como Melhor Ator).

“Guimarães captou como ninguém toda lógica comportamental e prosódica do homem dos interiores do país. Poder interpretar um dos personagens mais icônicos da nossa literatura é para mim, mi-

neiro de nascença, migrante como tantos, a possibilidade de um reencontro com minha origem, minha gênese: o sertão brasileiro”, comemora Diaz, ator e adaptador do texto que estreou em 2014.

Criada em 2018, a partir das obras de Marina Colasanti, Nelson Coelho e Giorgio Manganelli, com dramaturgia e atuação de Fani Feldman e direção de Rui Ricardo Diaz, “Como Todos os Atos Humanos” trata de forma simbólica do ‘feminino’ refém do patriarcado, da violência explícita ou mesmo velada a que a mulher vem sendo submetida ao longo da história.

“Como Todos os Atos Humanos’ é para mim, mais do que minha própria voz em estado de grito. Um suspiro aliviado que me sai violento, brutal e inteiro.”, diz Fani Feldman, que recentemente atuou em “Medea”, de Mike Bartlett, com direção de Daniel Infantini.

SERVIÇO

A HORA E A VEZ

Até 28/7, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)

COMO TODOS OS ATOS HUMANOS

Até 24/7, terças e quartas (20h) | Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 – Botafogo) | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Trilha inédita de Tom Jobim escrita para nos anos 1950 para um balé nunca encenado ganhará vida em breve, anuncia a coreógrafa

Por **Amanda Cavalcanti**
(Folhapress)

A bailarina carioca Dalal Achcar guardou por mais de 60 anos uma partitura inédita de Tom Jobim. A obra, intitulada “Água de Meninos”, foi encomendada ao compositor para ser trilha de um de seus balés e veio à tona neste mês, pouco antes do aniversário de 30 anos de morte do músico. A obra, orquestrada por Radamés Gnatalli na época, pode enfim ver a luz do dia no ano que vem.

Achcar é conhecida por ser uma das maiores coreógrafas brasileiras. Aos 87 anos, ela em maio, na Cidade das Artes, uma nova montagem para “Floresta Amazônica”, um balé inspirado na peça de Heitor Villa-Lobos, “A Floresta do Amazonas”, de 1958.

Achcar e Tom se conheceram durante a década de 1950, quando ela ainda era uma estudante de balé e ele ainda não tinha atingido o estrelato internacional por sua música. O compositor morava perto da companhia de bailarinos onde Achcar estudava.

“De vez em quando ele ia me procurar para usar o piano quando a gente não estava ensaiando, não estava tendo aula”, diz ela, em entrevista por telefone. “E aí vinham ele e Vinícius [de Moraes] compor. Nós éramos todos amigos.”



Amiga de Tom Jobim desde jovem, Dalal Achcar encomendou um tema para o nosso Maestro Soberano

Uma preciosidade tirada do baú de Dalal Achcar

Continua na página seguinte Dalal Achcar e Tom Jobim seguiram amigos apesar de terem trilhado carreiras diferentes - Tom no sucesso da Bossa Nova e Achcar se dedicando à companhia que fundou em 1956. A estimativa é que a trilha tenha sido feita por volta de 1960 ou 1961, na mesma época em que ele escrevia clássicos como “Garota de Ipanema” e “Corcovado”.

A coreógrafa voltava de uma viagem à Bahia e se inspirou por uma feira no bairro de Água dos Meninos, em Salvador. “Era uma feira com muita música, muita capoeira. Me deu essa ideia de fazer

uma historinha que se passasse lá”, diz. Ela, então, pediu para que Jobim compusesse uma trilha para o balé, já imaginando uma coreografia estilizada com base de música folclórica brasileira.

Por falta de verba na ocasião, a obra nunca foi gravada ou encenada. “Agora, me voltou a ideia de trabalhar essa música que eu nunca cheguei a ouvir”, diz Achcar.

A composição tem cerca de 30 minutos, em um único ato, e costura capoeira, samba, baião, frevo, entre outros ritmos.

Apesar dos muitos trechos inéditos, trechos da trilha re-

leem composições que já tinham sido lançadas por Tom. É o caso das melodias de “Eu Preciso de Você”, parceria de Jobim com Vinícius de Moraes, e “Bim Bom”, do primeiro disco de João Gilberto.

Outro trecho, mais tarde, virou a canção “Água de Beber”. “Um belo dia o Vinícius, que era meu amigo também, me ligou e disse ‘Dalalzinha, estamos gravando um LP e está faltando uma faixa. Posso usar uma música da composição que o Tom fez pra você?’”, lembra a coreógrafa.

Achcar e Jobim chegaram a trabalhar juntos outra vez,

em 1992, poucos anos antes da morte do compositor. Ela encomendou uma composição para o “Concert for Planet Earth”, parte da Conferência Internacional do Meio Ambiente Eco 92.

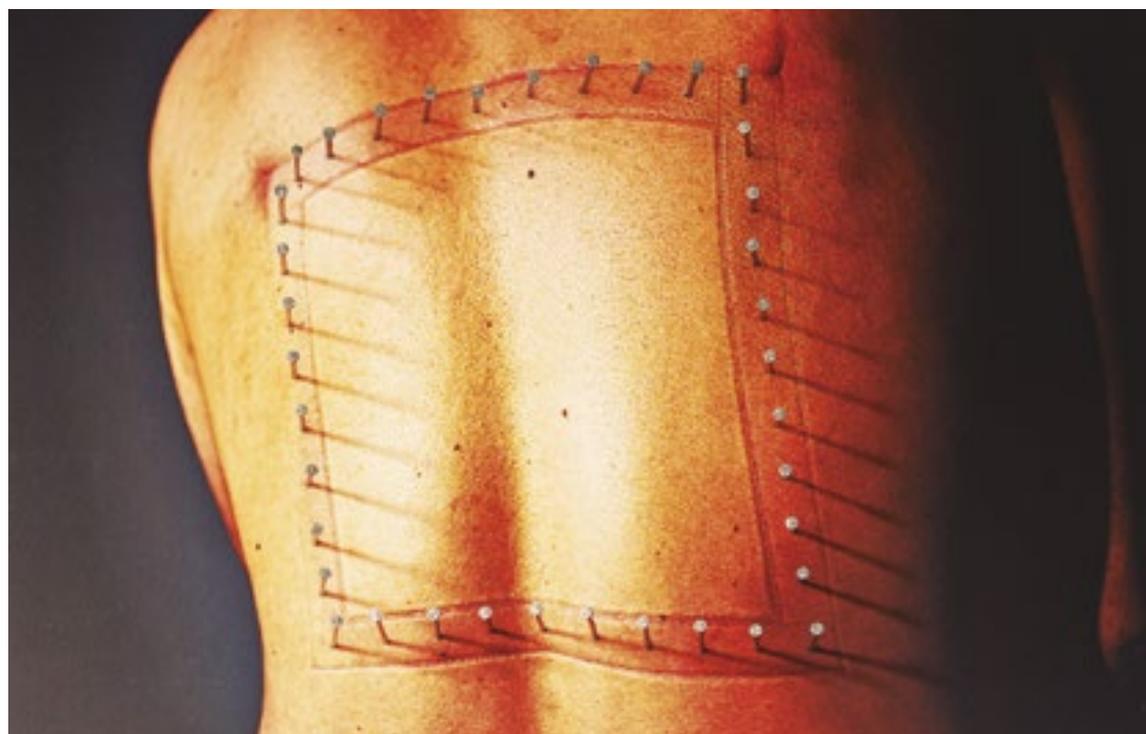
Jobim escreveu “Forever Green” especialmente para a ocasião e se apresentou no concerto, que foi transmitido pela BBC de Londres, junto a Gal Costa e ao Coro e Orquestra do Theatro Municipal.

Para a coreógrafa, enfim realizar o balé e tirar “Água de Meninos” da gaveta é uma forma de homenagear o amigo, além de valorizar a cultura brasileira. “O Brasil não valoriza as suas coisas, temos que aprender a riqueza que temos de música, de dança, de manifestações populares”, afirma.

“Reviver o Tom, que foi quem popularizou a música brasileira no mundo inteiro, é uma forma de fazer essa nova geração se dar conta da riqueza dos artistas brasileiros que marcaram época.”

Arte que explora limites

Exposição 'Até Onde Marca', de Mariana Katona, traz uma instigante pesquisa sobre o corpo



Os trabalhos reunidos na mostra sondam os limites de um corpo que a artista explora com artefatos associados a um fazer artesanal: linhas, agulhas, teares, pregos

A exposição “Até Onde Marca”, da artista plástica Mariana Katona, leva ao Centro Cultural Correios RJ 21 trabalhos com técnicas variadas, buscando transmitir ao público uma instigante pesquisa sobre o corpo, como instrumento de expressão artística, com curadoria de Francisco Camêlo.

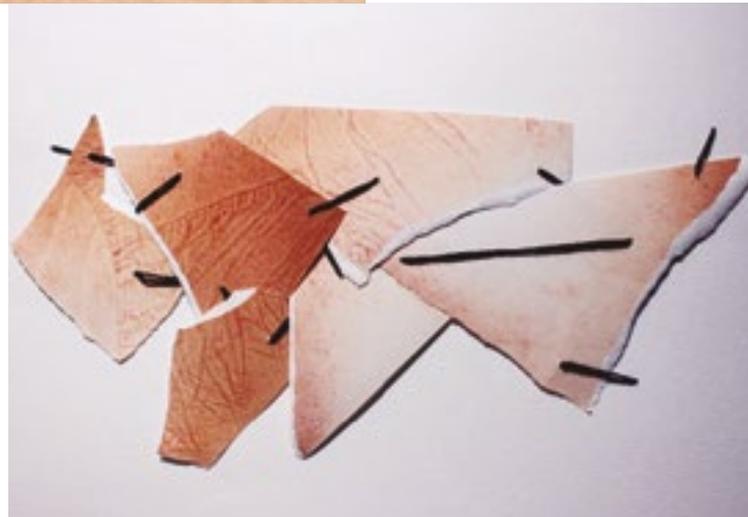
Ao longo de mais de uma década de sua trajetória, Mariana tem se dedicado a dar forma às suas inquietações sensíveis e conceituais, utilizando uma diversidade de materiais, técnicas e suportes.

Artista de uma linhagem que utiliza o corpo como instrumento, Mariana Katona revela

sensações de estranhamento e desenraizamento, refletindo memórias pessoais e familiares em seus trabalhos. Explorando o corpo e acumulando marcas, fricções e inscrições na pele, suas séries sugerem uma composição de paisagens que lembram teares à espera de serem desenrolados e tecidos.

Além disso, dialoga com a tradição feminina da costura em contraposição ao peso do martelo, reconstruindo memórias e sugerindo relações entre o silêncio do bordado e o ruído do rasgo. Ao trabalhar com fios, linhas, pregos e peles, seu corpo machucado pulsa e indica que marcar pode ser uma outra forma de escrever.

“Percorrendo a exposição, os



visitantes podem acompanhar os processos de criação de Mariana Katona, sua seleção meticulosa de materiais, seus gestos precisos e as relações que tece entre os trabalhos, revelando a dedicação da artista tanto em dar corpo

às inquietações que a movem, quanto em fazer o espectador sentir a força e a dor de um corpo que cria, machuca e poetiza”, diz o curador Francisco Camêlo.

“Como indica o título da exposição, os trabalhos, aqui reu-

nidos, sondam os limites de um corpo que a artista explora, em suas minudências, com artefatos associados a um fazer artesanal: linhas, agulhas, teares, pregos. O trabalho de Mariana Katona com marcas na pele começou por volta de 2009, quando ela residia no Rio de Janeiro, onde ocorreram seus primeiros trabalhos com o próprio corpo, enquanto suporte para inscrições mais diversas”, acrescenta o curador.

SERVIÇO

ATÉ ONDE MARCA
centro Cultural Correios RJ
(rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)
até 6/7, de terça a sábado
(12h às 19h)
Entrada franca